

Apoio de residentes a megaprojetos turísticos: A influência dos aspectos sóciodemográficos na Copa do Mundo de Futebol 2014 em Natal-RN

Marcelo MILITO¹

Victor Hugo DA SILVA²

Sergio MARQUES JUNIOR³

Resumo: No contexto em que os megaeventos ganham destaque nas políticas públicas nacionais, entender os fatores que influenciam o apoio dos residentes a esse tipo de projeto turístico torna-se ponto fundamental na gestão pública do destino. Como parte da pesquisa de uma dissertação de mestrado, o estudo vem com o objetivo de analisar a influência dos fatores sócio-demográficos sobre o apoio dos residentes á megaeventos. Tendo como recorte a Copa do Mundo de Futebol 2014 na cidade sede de Natal/RN/Brasil, foi elaborado um questionário que continha perguntas relacionados a sete aspectos sócio-demográficos (gênero, ocupação relacionada como turismo, tempo de residência no destino, região de residência, faixa etária, renda e escolaridade) e uma pergunta em escala *likert* com 11 níveis de concordância sobre o apoio à realização da Copa do Mundo 2014 em Natal, aplicado no período pré-evento com 360 munícipes transeuntes em áreas de alto fluxo da cidade e respeitando o universo da amostra estratificada proporcional por região. Dos principais resultados auferiu-se que “ocupação vinculada a atividade turística” e “faixa etária” apresentaram relação diretamente proporcional com o apoio, homens e mulheres não apresentam um padrão de resposta significativamente diferente em relação ao apoio.

Palavras-chave: Turismo; Megaeventos; Apoio de residentes; Fatores sócio-demográficos.

1 Introdução

O presente estudo vem na perspectiva crescente de estudos do turismo que começam a (re)considerar esse como um fenômeno social e econômico, para além das primeiras plataformas do pensamento turístico que polarizaram entre econômico ou social, defesa ou crítica, positivo ou negativo, entra no diálogo as formas adaptativas de análise que entendem as transações e transições sociais entre territórios como entrelaçadas e indissociáveis. Assim, os megaeventos, icônica plataforma do turismo e presente nas principais agendas públicas de destinos turísticos consolidados como oportunidade econômica, conduzem as discussões contemporâneas da ótica social.

¹Bacharel em Turismo UFRN e Mestre em Turismo UFRN. Atualmente doutorando em Turismo UFRN. <http://lattes.cnpq.br/8390923752879471>. marcelomilito@yahoo.com.br.

²Bacharel em Turismo UFRN. Atualmente mestrando em Turismo UFRN. <http://lattes.cnpq.br/8072651064377855>. victor_sector7@hotmail.com.

³Graduação em Engenharia Agrônoma USP e Doutorado em Agronomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é Professor Titular da UFRN. <http://lattes.cnpq.br/3095760811566254>. sergiomarquesjunior@gmail.com.

Entender o posicionamento dos residentes sobre projetos públicos de incentivo à visitação do seu espaço habitual, transborda em diversos riscos empíricos para um projeto turístico: a impopularidade aos investimentos e incentivos públicos em projetos turísticos (Gursoy & Kendall 2008), degradação da imagem do destino pela falta de hospitalidade local (Gallarza, Garcia & Saura, 2002) e experiências negativamente teatralizadas servidas ao turista por falta de contato com a comunidade local, principalmente nos produtos turísticos como os megaeventos, em que se espera do autóctone participação “voluntária” como parte do produto turístico vendido (Getz, 2008).

Das formas de entender sobre o posicionamento dos residentes frente ao turismo, distintos são os paradigmas, metodologias e abordagens. Tem-se desde os primeiros encontros sócio-antropológicos em 1968 para discutir os impactos dos turistas na aculturação das comunidades anfitriãs e que não perderam força na atualidade como demonstra os estudos de Barreto (2004), até os primeiros modelos sócio-psicológicos de Doxey na década de setenta na tentativa de estabelecer padrões de irritabilidade do habitante diretamente proporcional com o crescente recebimento de visitantes, refletido até os dias de hoje nas principais veículos de comunicações científica de turismo internacionais como a *Annals of Tourism Research e Tourism Management* (Milito, Marques & Alexandre, 2011) .

Sem um ponto pacífico e respeitando a complexidade na busca de uma padronização desses fatores psicológicos e sociais, os estudos no tema buscam recortes específicos para análise e avanço nas discussões (Ross, 2002). Dentre os diversos recortes de fatores, os estudos que contemplam os aspectos sócio-demográficos apontam algumas paridades e por isso uma constante nos estudos da percepção social, não só frente ao turismo, mas também em outros fenômenos sociais (Ross, 2002).

Dentro de um recorte espaço-temporal, o Brasil é um país que ganha destaque ao fomentar a política pública de captação de Megaeventos (Brasil, 2010) e sobre a égide desse planejamento logrou captar de forma concomitante os dois maiores eventos esportivos da atualidade: Copa do Mundo de Futebol de 2014 e Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro de 2016. Sem contar outros megaeventos de escala mundial que ocorrem nesse interstício, como Copa da Confederações em 2013, Jogos Paraolímpicos em 2016 e ainda outros megaeventos de outras tipologias como a Jornada Mundial da Juventude em 2013 como maior evento/turístico religiosos da atualidade.

Dessa forma, o presente estudo, como parte da pesquisa de uma dissertação de mestrado realizada em uma das cidades sedes da Copa do Mundo de Futebol 2014, vêm com o objetivo de analisar a influência dos fatores sócio-demográficos sobre o apoio dos residentes á megaeventos. Para tal se propôs, para além desse capítulo introdutório que norteia a investigação desenvolvida, um referencial teórico que baseie os caminhos científicos tomados pela pesquisa, seguido da descrição detalhada da metodologia aplicada, desembocando nas análises dos resultados obtidos e, por fim, as considerações finais que encerram o presente ciclo de investigação para abertura dos próximos.

2 Referencial teórico

2.1 A psicologia social e a teoria das trocas sociais

A psicologia social, nascida da fusão das ciências sociais e ciências da psique, teve seus primeiros estudos teóricos no começo do século XX, no princípio com as escolas alemãs de sociologia e a relação dos fatos sociais com os indivíduos, na metade do século pacificado que as influências psicológicas humanas derivavam mais das questões sociais que genéticas, ganhou-se o campo da psicologia originando teorias como a *Gestalt*. Já como campo de estudo em consolidação, a psicologia social nas pragmáticas escolas sociológicas americanas encontrou resultados contundentes através da *Social Exchange Theory* (SET), em uma tradução livre a teoria das trocas sociais, também encontrada como teoria do intercâmbio.

No campo da psicologia social a SET, desde seus primeiros teóricos Homans (1961), Blau (1964) e Emeson (1972), é considerada uma das teorias mais usada e aceitas para a explicação e construção de modelos sobre o comportamento social (Cook & Rice, 2006). Do diálogo entre a sociologia com ênfase na teoria utilitarista e a psicologia com ênfase na teoria comportamentalista, surge uma teoria que explica as relações humanas a partir do custo-benefício subjetivo e a comparação racional de alternativas (Cook & Rice, 2006).

Similar a uma transação mercadológica, que não deixa de ser um padrão de atuação antrópico, a interação social é formada por um conjunto de trocas medidas em termos de recompensas e custos, que refletem no comportamento humano. Assim, os múltiplos processos de trocas experienciadas ao longo da vida e assimiladas como benéficas ou prejudiciais, determinaram um degrade de atitudes positivas ou negativas das escolhas futuras (Blau, 1964).

Dessa forma entende-se a busca por aspectos sócio-demográficos que associam condições e acessos sociais a experiências vividas similares, rumo a um movimento padrão de percepção e, conseqüentemente, de comportamento. Nesse prisma ainda observa-se a convergência de duas teorias da psicologia social, a SET com a *Identity Theory*, essa defende a formação de padrões sensíveis de resposta dos indivíduos no meio a partir das identidades sociais, apesar da SET ser a base mais tratada, essa é uma convergência teórica reconhecida nos estudos que versam sobre a percepção de residentes frente ao turismo (Nunko & Gursoy, 2012).

2.2 Percepção de residentes frente ao turismo e os fatores sócio-demográficos

Conforme defende Ross (2002), esses estudos de percepção de residentes frente ao desenvolvimento turístico tornaram-se um “importante clichê” devido á lógica gravidade para o planejamento e gestão pública do turismo e que ainda carece de avanços científicos.

Em um recente estudo bibliométrico no tema, Sharpley (2014) divide em dois grupos principais de fatores as abordagens sobre o efeito de apoio dos residentes frente ao turismo, os externos e internos. O primeiro destaca tipos de turistas que visitam a localidade, densidade/nível de desenvolvimento turístico da localidade e nível de

desenvolvimento econômico da localidade. O segundo destaca valores psicossociais e condições sócio-demográficas diversas do indivíduo.

Ross (2002) aponta os estudos sobre os quesitos sócio-demográficos como tradicionais, inclusive em outras áreas de estudo da psicologia social, desenvolvidos nos estudos e autores clássicos de turismo até os dias de hoje. Como Brougham e Butler (1981) que indicaram a importância da compreensão das variáveis demográficas, passando a década de 90 com autores de renome como Getz (1994) que visualiza o entendimento relativo às características demográficas enquanto uma forma legítima de entender as atitudes dos residentes, já na contemporaneidade grupos de pesquisa especializados na temática e publicando sobre os diversos grupos de fatores supracitados, incluindo os fatores sócio-demográficos (Nunko e Gursoy, 2012).

Dentre os recentes estudos nas revistas especializadas que tratam do tema e que podem fornecer as referências validadas de ponta dos constructos sócio-demográficos mensuráveis, em continentes e situações econômicas/turísticas distintas (respectivamente Irã, Jamaica e Espanha), cabe destacar: Khoshkam, Marzuki e Al-Mulali (2016) que investigou a distância das moradias dos residentes das zonas turísticas, a aproximação que esses residentes têm com a localidade e o tamanho da família (esse circunscrito também ao vínculo dessa família com empregos na área do turismo e sua renda proporcional); Sinclair-Maragh (2016) analisou gênero, faixa etária, renda, nível de educação, etnia, natividade, local de residência e tempo de residência; Almeida-García, Pelaez-Fernandez, Babuena-Vásquez e Cortés-Marcias (2016) que basearam-se sobre o gênero, idade, estado civil, tamanho da família, nível de educação, participação social e dependência econômica da atividade turística.

Nessa perspectiva, em confluência com o banco de dados demográficos disponível para o caso em estudo no Brasil, elaborou-se um quadro que condensasse os fatores sócio-demográficos disponíveis e as referências utilizadas para embasar os estudos supracitados:

Quadro 1: Fatores sócio-demográficos referenciados que influenciam o apoio de residentes

	FATORES ANALISADOS	PRINCIPAIS REFERÊNCIAS UTILIZADAS
1	Gênero.	Sinclair-Maragh (2016) e Almeida-García et al. (2016): McCool & Martni 1994; Mason & Cheyne, 2000; Nunkoo & Gursoy, 2012; Davis et al., 1988; Ribeiro, Oom do Valle, & Silva, 2013; Ryan & Montgomery, 1994.
2	Ocupação relacionada com o turismo	Sinclair-Maragh (2016) e Almeida-García et al. (2016): Andriotis & Vaughan, 2003; Haralambopoulos & Pizam, 1996; Kuvan & Akan, 2005; Lankford & Howard, 1994; Milman & Pizam, 1988; Snaith & Haley, 1999
3	Tempo de residência no destino	Khoshkam et al. (2016) e Almeida-García et al. (2016): Haley, Snaith, & Miller, 2005; Lankford & Howard, 1994; Sheldon & Var, 1984. Haralambopoulos & Pizam (1996), Tosun (2002)
4	Região de residência	Khoshkam et al. (2016) e Sinclair-Maragh (2016): Jurowski & Gursoy (2004) Faulkner & Tideswell (1997)
5	Faixa etária.	Sinclair-Maragh (2016) e Almeida-García et al. (2016): Cavus & Tanrisevdi (2002) e Huh & Vogt (2008)
6	Renda.	Sinclair-Maragh (2016): Haralambopoulos & Pizam, 1996.
7	Escolaridade.	Sinclair-Maragh (2016) e Almeida-García et al. (2016):

	Hernandez, Cohen, & García, 1996; Haralambopoulos & Pizam, 1996; Teye, Sonmez, & Sirakaya, 2002, Kuvan & Akan (2005)
--	--

Fonte: Elaboração própria a partir de Almeida-García et al. (2016), Khoshkam et. Al.(2016) e Sinclair-Maragh (2016).

Dessa forma, cada um dos fatores demográficos levantados possui consonância teórica com estudos recentes na temática, mesmo que divergindo quanto aos vetores de efeito, assumem ao menos uma hipótese de correlação direta para cada um dos sete fatores (Gênero, Ocupação relacionada como turismo, Tempo de residência no destino, Região de residência, Faixa etária, Renda e Escolaridade) com o apoio sobre a atividade turística.

Considerando ainda que são poucos os estudos explicativos que versam sobre a relação de apoio de residentes á megaeventos (Gursoy e Kendall, 2006), legitima-se o presente estudo em trazer as hipóteses de relações demográficas, amplamente estudadas para medir apoio/percepção de regiões turísticas, para o apoio/percepção de megaeventos.

3 Metodologia

O estudo se posiciona dentro do paradigma científico defendido por Popper (1990), que simultaneamente reconhece a constante reconstrução da ciência sem abrir mão do realismo objetivo, sendo os avanços justamente dependentes de afirmações suficientemente tangíveis ao ponto de poderem ser refutadas, contraposto a uma pseudociência que se posiciona na extrema intangibilidade como escudo adaptativo estéril. Ainda fazendo referência a Popper (1990), o estudo se apresenta como hipotético-dedutivo, partindo de uma teoria geral brevemente explanada (a SET) e que sustenta a partir do objetivo hipóteses a serem testadas:

Quadro 2: Hipóteses da pesquisa

	DESCRIÇÃO DAS HIPÓTESES
H1	O gênero influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos
H2	A ocupação relacionada com o turismo influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos
H3	O tempo de residência no destino influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos
H4	A região de residência influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos
H5	A faixa etária influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos
H6	A renda familiar influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos
H7	O nível de escolaridade influencia diretamente no apoio de residentes a megaeventos

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Para avançar sobre o delineamento exposto, faz-se necessário uma abordagem quantitativa, Gil (2008) defende que comumente as pesquisas hipotéticas-dedutivas possuem uma natureza explicativa, fazendo uso de métodos que permitam a partir de um trabalho estatístico analisar exaustivamente a contraposição de prova da causa e efeito, ao mesmo tempo o autor sugere que esse tipo de abordagem nas ciências sociais, mesmo que aplicadas, é complexa devido aos inúmeros fatores subjetivos que podem influenciar a pesquisa, apresentando padrões de relação ainda mais sensíveis que a ciência biológica e incomparável a ciência exata.

Como já exposto, o universo da pesquisa que pretende-se auferir as hipóteses em questão é o megaevento Copa do Mundo de Futebol 2014, especificamente na cidade sede Natal, no Estado do Rio Grande do Norte e localizado no extremo Nordeste do Brasil. Com intenção de levantar o apoio dos residentes da cidade de Natal, que pelo anuário estatístico (Natal, 2012) apresentou um total de 803739 (oitocentos e três mil, setecentos e trinta e nove) habitantes. Esse número de elementos a serem avaliados enquadra-se na amostragem superior a 100000 (cem mil) componentes, ou seja, amostra infinita, que é calculado no seguinte fórmula:

$$N = \frac{Z^2.PQ}{E^2}$$

Em que “N” representa o tamanho da amostra, “Z” o nível de confiança, PQ a Percentagem de ocorrência multiplicada pela percentagem comparativa e “E” o erro máximo permitido (GIL, 2008, p.26). As ciências sociais consideram aceitáveis níveis de confiança em 95% (representado com a numeração 1,96), o erro máximo de 5,5% e a porcentagem comparativa máxima (50.50) para fenômenos sem estimativa de ocorrência (GIL, 2008). Assim o cálculo da amostra para o presente estudo (N) ficou de 315 (trezentos e quinze) elementos.

Contando com as possíveis questões inválidas optou-se por coletar 360 (trezentos e sessenta) questionários do tipo “survey” e aplicado *face-to-face* em áreas de alto fluxo de transeuntes entre os meses de Abril e Maio de 2013 (um ano pré-evento). O instrumento contou com uma pergunta em escala *likert* de concordância, com variação entre “Discordo plenamente” até “Concordo plenamente”, com 11 níveis (de 0 a 10), sobre o apoio a realização do evento Copa do Mundo de Futebol 2014 em Natal, seguido das questões de perfil sócio-demográfico, correspondente as hipóteses elencadas.

Para análise dos dados optou-se por fazer um cruzamento de tabelas a partir do *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)* indicando as porcentagens de respostas de concordância por categoria, originando a tabela 1, em seguida a construção de gráficos com o *software Microsoft Excel* utilizando o modelo de dispersão com projeção de linearidade, gerando uma função de linha que fornece uma representação gráfica das tendências de apoio de cada categoria que compõe cada fator.

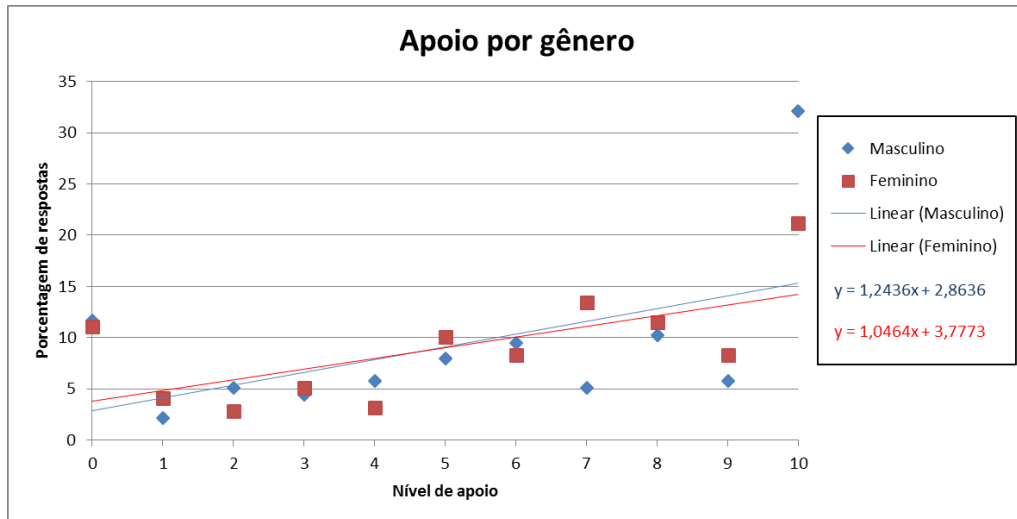
4 Resultados

A partir do delineamento exposto, os resultados da pesquisa estão apresentados e ordenadas com a disposição de cada pergunta do instrumento. A forma gráfica de dispersão percentual com projeção de linha, permite uma análise padronizada e objetiva de cada hipótese trabalhada, sendo os dados brutos proporcionais em cada categoria a ser

explanado descritivamente em cada gráfico, bem como a comparação com os autores referenciados, sempre tendo como critério o encadeamento lógico de cada análise.

Para a primeira hipótese foi obtido um total de 354 questionários válidos, sendo 137 do gênero masculino e 217 do gênero feminino. Como pode-se observar na linha de dispersão do gráfico 1, o apoio masculino foi ligeiramente superior ao feminino.

Gráfico 1: Apoio por gênero

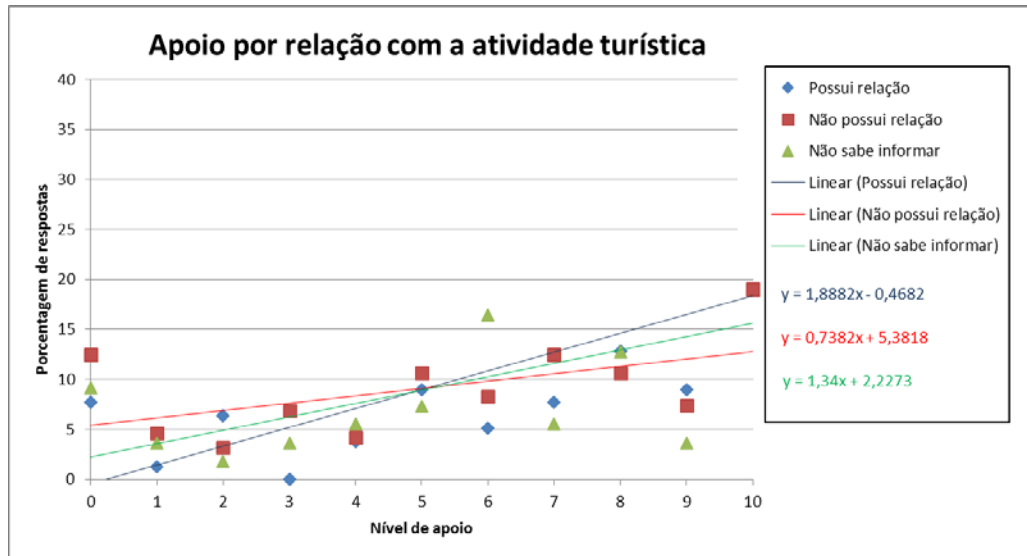


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Ao contrário que o encontrado por, Sinclair-Maragh (2016) e McCool and Martni (1994) que diagnosticaram as mulheres mais receptivas e otimistas com a atividade turística, observa-se que os homens teriam um sensível maior apoio, talvez decorrente de se tratar de um megaevento esportivo praticado e seguido no Brasil ainda por uma maioria masculina. Ainda assim, os resultados ainda estão mais propensos aos achados de Almeida-García et al. (2016) Davis et al., (1988); Ribeiro, Oom do Valle, & Silva (2013) e Ryan & Montgomery (1994), que entendem a diferença de gênero insignificante, em oposição a Mason & Cheyne (2000) e Nunkoo & Gursoy (2012) que defendem a significância do gênero na percepção/apoio.

Para a segunda hipótese foi obtido um total de 359 questionários válidos, sendo 78 com ocupação relacionada a atividade turística, 216 sem relação e 55 não sabiam precisar até que ponto sua ocupação era relacionado de alguma forma com atividade turística (posicionamento de dúvida comum diante das multivariadas faces do turismo). Como pode-se observar na linha de dispersão do gráfico 2, existe um degrade nítido de apoio proporcional a percepção de vínculo.

Gráfico 2: Apoio por relação com a atividade turística

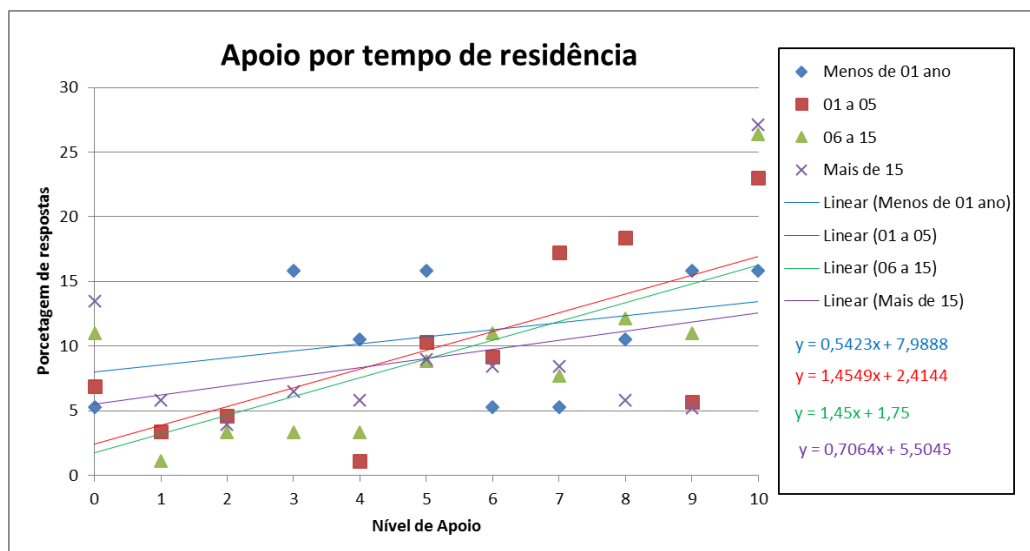


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O gráfico aponta um crescente consenso nos estudos da temática, proporcional e direta é a influência do entendimento que a ocupação laboral está relacionada com apoio a atividade turística, aqui também validado para megaeventos. Sinclair-Maragh (2016) foi mais além, diagnosticou que as pessoas que trabalham no setor percebem mais os impactos econômicos positivos da atividade e também mais os impactos socioculturais negativos, sendo os impactos econômicos com maior peso nas atitudes de apoio.

Para a terceira hipótese foi obtido um total de 352 questionários válidos, sendo 19 residindo na cidade a menos de 01 ano, 87 de 1 a 5 anos, 91 de 6 a 15 anos e 155 a mais de 15 anos. Como pode-se observar na linha de dispersão do gráfico 3, pessoas que acabaram de chegar ou já estão há muito tempo apoiam menos dos que estão morando em um tempo intermediário.

Gráfico 3: Apoio por tempo de residência



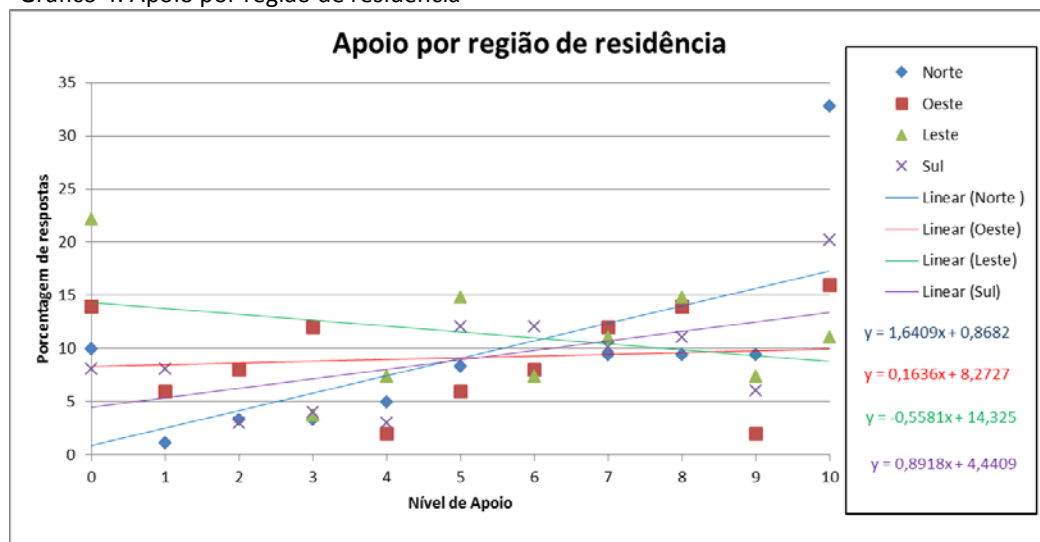
Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Esse é um fator que geralmente é relacionado ao apego a uma localidade, Almeida-García et al. (2016) confirma os achados de Haley, Snaith, & Miller, 2005; Lankford &

Howard, 1994; Sheldon & Var, 1984, na qual as pessoas mais antigas tendem a ver com menos otimismo as transformações bruscas em um meio já adaptado e mais apegado. De forma mais específica Khoshkam, Marzuki e Al-Mulali (2016), Haralambopoulos e Pizam (1996), Tosun (2002) entendem que quanto mais tempo na comunidade mais se percebe os impactos econômicos positivos da atividade turística e mais se percebe os impactos socio-culturais. O resultado aqui encontrado de pessoas recém-chegadas também terem menos apoio comparativo, pode-se ao fato de estarem passando por um, sempre intenso, processo de habituação sociocultural a nova localidade, fazendo com que mais mudanças nesse recém-chegado ambiente também se mostre como custoso.

Para a quarta hipótese foi obtido um total de 356 questionários válidos, sendo 180 na zona norte, 50 oeste, 27 leste e 99 Sul (as regiões assumidas como administrativas pela prefeitura de Natal em 2012, como aglomerados demográficos com características similares). Como pode-se observar na linha de dispersão do gráfico 4, moradores da região Norte apoiam de forma contrastante, contrário da zona leste que não se mostraram favoráveis a realização do megaevento:

Gráfico 4: Apoio por região de residência

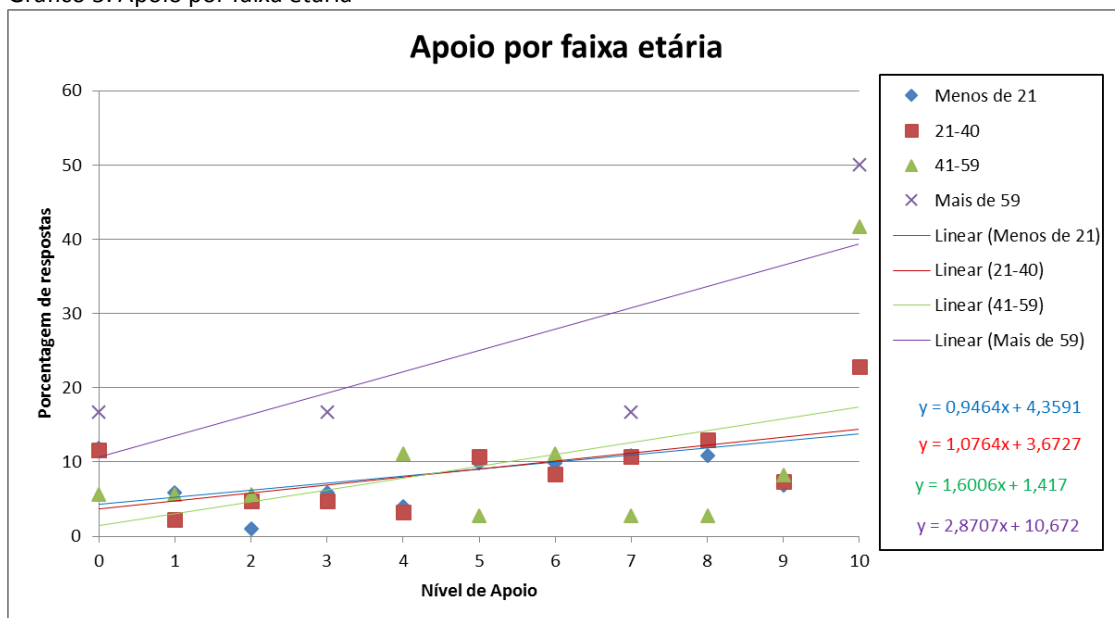


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Os autores convergem que o posicionamento geográfico em relação a distância das zonas turísticas influencia no apoio do residente. No caso, o megaevento em questão teve seu epicentro tangenciando as regiões Sul, Leste e Oeste, sendo a região Norte a mais distante, incidindo nessa o maior apoio. Sinclair-Maragh (2016) e Faulkner e Tideswell (1997) corroboram com esse mesmo achado. Ao mesmo tempo avaliar por grandes regiões torna-se muito subjetivo, dificultando o entendimento de porque a zona leste apoiou menos, por isso os outros estudos optaram por usar coordenada geográfica da residência ou até bairro.

Para a quinta hipótese foi obtido um total de 358 questionários válidos, sendo 101 com menos de 21 anos de idade, 215 de 21 até 40 anos, 36 de 40 até 59 anos, 6 de 60 anos para cima. Como pode-se observar na linha de dispersão do gráfico 4, existe um degrade crescente de apoio diretamente proporcional a idade:

Gráfico 5: Apoio por faixa etária

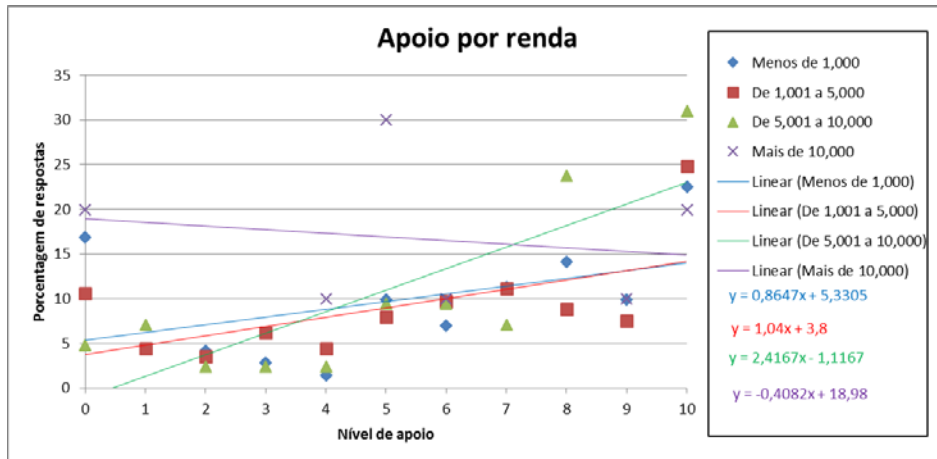


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Ao contrário do defendido por Sinclair-Maragh (2016) e Cavus e Tanrisevdi (2002), o resultado corroborou com os achados de Almeida-García (2016) e Huh and Vogt (2008) na qual quanto mais jovem menos apoio, os autores justificam que os impactos socio-ambientais do turismo estão menos internalizado nas gerações mais velhas, sendo os mais jovens mais concientes dos problemas decorrentes da atividade turística.

Para a sexta hipótese foi obtido um total de 349 questionários válidos, sendo 71 com renda familiar abaixo de 1.000,00 reais por mês, 226 com renda familiar entre 1.000,00 e 5.000,00 reais por mês, 42 entre 5.000 e 10.000 reais e 10 acima de 10.0000 reais. A princípio a classe média apoia de forma contundente, com baixo apoio das classes mais baixas e oposição da classe mais alta, conforme gráfico 6.

Gráfico 6: Apoio por renda familiar

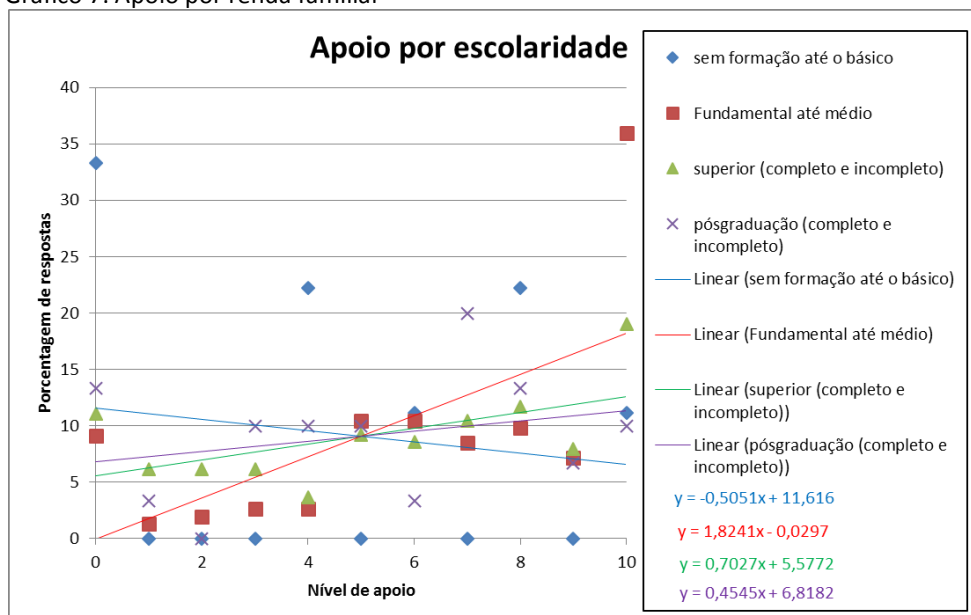


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

A partir do gráfico observado não é possível traçar uma relação com proporção univariável, similar ao encontrado por Sinclair-Maragh (2016) que também observou nas rendas intermediárias maior apoio, ao contrário de Haralambopoulos & Pizam (1996) que entendem que quanto maior a renda maior é o apoio a atividade turística. Uma explicação possível é que nessa renda intermediária estão a maioria das ocupações da atividade turística.

Por fim, a sétima hipótese foi obtido um total de 357 questionários válidos, sendo 9 sem formação até o básico, 153 do fundamental até o médio, 164 superior (cursado ou cursando) e 31 pós-graduação (cursado ou cursando). Da mesma forma que o gráfico da renda, a formação também tem seus mais altos níveis de apoio nas escalas intermediárias (fundamental e médio), tendo a baixa formação como oposição ao projeto em análise, conforme aponta o gráfico 7:

Gráfico 7: Apoio por renda familiar



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

De forma similar Sinclair-Maragh (2016) também encontrou no *high scholl* (ensino médio) o maior apoio. Contestando os resultados Almeida-García (2016) Hernandez, Cohen,

& García, (1996), Haralambopoulos & Pizam (1996), Teye, Sonmez, & Sirakaya (2002) e Kuvan e Akan (2005) que entenderam que quanto mais instruído o indivíduo mais apoia o turismo por poder se colocar melhor no mercado e percebe os diversos benéficos da atividade. Sinclair-Maragh(2016) justifica seu achado, convergente no presente estudo, que pessoas terminando a formação básica é o público que tem expectativa de trabalho no setor.

Assim, de maneira geral, pode-se dizer que das hipóteses elencadas a 2 e 5 (ocupação vinculada com o turismo e faixa etária) apresentaram relação direta e vetorial com o apoio ao megaevento estudado. A hipótese 3, 4, 6 e 7 (tempo de residência, região de residência, renda familiar e nível de escolaridade) apresentaram relação, mas os vetores de influência ainda precisam ser avançados e mais estudos que fomentam a discussão. A hipótese 1 (gênero) mostrou-se insignificante, corroborando com outros estudos que já vinham indicando a irrelevante diferença no padrão de respostas entre homens e mulheres.

5 Considerações finais

A análise realizada, ao hipotetizar e testar as principais categorias sócio-demográficas abordadas na literatura, obteve avanços no entendimento da percepção de residentes á megaeventos. O gênero apresentou pouca variância, corroborando com demais estudos na área na qual afirmam que homens e mulheres vêm tendo opiniões similares. Tempo de residência possui influência no apoio, pois está vinculado ao apego com a comunidade, corrobora com outros estudos em que quanto mais tempo morando na localidade menor o nível de apoio ao turismo, mas também apontou um dado novo, contemplou pessoas recém-chegadas (menos de 01 ano) e elas também se mostraram menos dispostas a apoiar megaeventos. Região de residência, também marcou concordância com outros estudos, proporcionalidade direta de apoio conforme distância das zonas turísticas, considerando que o presente estudo trabalhou quatro categorias de região macro que impede um detalhamento dessa proporção, mesmo assim nota-se a Zona Norte de Natal como região mais distante do evento e com um contrastante maior apoio. Renda familiar e nível de escolaridade apresentaram maior apoio nas categorias centrais (nível médio e renda de 5.000,00 até 10.000,00) ficando os extremos de menor e maior educação e renda familiar tendendo para menor nível de apoio, existem estudos que também encontraram resultados similares. Os fatores ocupação vinculada com o turismo e faixa etária apresentaram clara proporcionalidade direta, assim como outros estudos, validando esses como parte dos fatores globais determinantes no apoio de turismo e megaeventos.

Das limitações que dão margem para os avanços científicos futuros, primeiramente esse estudo se deteve a fatores tidos como intrínsecos e analisados de forma separadas, correlacionar esses aspectos sócio-demográficos entre si e com outras variáveis externas possibilitará uma maior abrangência dos fatores combinados que podem influenciar no apoio. Um segundo aspecto é a vertente temporal, considerando que a pesquisa aqui é somente pré-evento (que também tem seu valor), sendo que um estudo longitudinal permite analisar as mudanças de comportamento nas séries dos fatos e contextos históricos.

Referências bibliográficas

- Almeida-García, Pelaez-Fernandez, Babuena-Vásquez & Cortés-Marcias (2016). Residents' perceptions of tourism development in Benalmadena (Spain). *Tourism Management*, 54, 259-274
- Andriotis, K., & Vaughan, D. R. (2003). Urban residents' attitudes towards tourism development: the case of Crete. *Journal of Travel Research*, 42(2), 172-185.
- Barreto, M. (2004). Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos Socioantropológicos. *Turismo em Análise*, v. 15, n. 2, p. 133-149, novembro.
- Brougham, J. E., & Butler, R. W. (1981). A segmentation analysis of resident attitudes to the social impact of tourism. *Annals of Tourism Research*, 8(4), 569-590.
- Blau, P. M. (2006) *Exchange and power in social life*. New York: Wiley.
- Brasil (2010). Documento Referencial de Turismo no Brasil Turismo no Brasil - 2011/ 2014. Brasília: Ministério do Turismo.
- Cavus, S. & Tanrisevdi, A. (2002). Residents' attitudes toward tourism development: A case study in Kusadasi, Turkey. *Tourism Analysis*, 7(3-4), 259-269.
- Chaidwick, J. K.(1976) *Social Exchange Theory: Its structure and influence in social psychology*. Saint Mary's University, Halifax, Canada, Published in cooperation with European association of experimental social psychology by Academic. Press, london, new york and San Francisco.
- Cook, K. S. & Rice E. (2006) *Handbook of social psychology: social exchange theory*. University of Wisconsin Madison.
- Davis, D., Allen, J., & Cosenza, R. M. (1988). Segmenting local residents by their attitudes, interests, and opinions toward tourism. *Journal of Travel Research*, (Eds.), Tourism, development and growth: The challenge of sustainability. London: 28(2), 2-8.
- Faulkner, B., & Tideswell, C. (1997). A framework for monitoring community impacts of tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 5(1), 3e28.
- Gil, A.C. (2008) *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas.
- Gallarza, M. G., Garcia, H. C. & Saura, I. G. (2002) Destination image: towards a conceptual framework. *Annals of Tourism Research*, vol. 29, n. 1, p. 56-78.
- Getz, D. (1994). Resident attitudes towards tourism: a longitudinal survey in Spey Valley, Scotland. *Tourism Management*, 15(4), 247- 258.
- _____.(2008) Event tourism: Definition, evolution, and research. *Tourism Management*. Vol. 29, p. 403-428.
- Gursoy, D., Jurowski, C. & Uysal, M. (2002) Resident Attitudes: A Structural Modeling Approach. *Annals of Tourism Research*, Vol.29, N.1, P. 79-105,
- Gursoy, D.; Kendall, K.W. (2006) Hosting mega events: modelling locals' support. *Annals of Tourism Research*, vol.33, n.3, p. 603-623.
- Emerson, r. C. (1962) Power dependence relation. *American Sociological Review*. vol. 40, n.27, p.31.
- Haley, A. J., Snaith, T., & Miller, G. (2005). The social impacts of tourism: a case study of Bath, UK. *Annals of Tourism Research*, 32(3), 647e668.
- Haralambopoulos, N., & Pizam, A. (1996). Perceived impacts of tourism: the case of Samos. *Annals of Tourism Research*, 23, 503e526.

- Hernandez, S., Cohen, J., & García, H. (1996). Residents' attitudes towards an instant resort enclave. *Annals of Tourism Research*, 23, 755e779.
- Homans (1961). *Social behaviors: It is a elementary forms*. New York: Harcourt. 1961
- Huh, C., & Vogt, C. A. (2008). Changes in residents' attitudes toward tourism over time: a cohort analytical approach. *Journal of Travel Research*, 46, 446e455.
- Khoshkam, M., Marzuki, A. e Al-Mulali, U. (2016) Socio-demographic effects on Anzali wetland tourism development. *Tourism Management*. V.54. 96-106
- King, B., Pizam, A., & Milman, A. (1993). Social impacts of tourism: host perceptions. *Annals of Tourism Research*, 20(4), 650e665.
- Kuvan, Y., & Akan, P. (2005). Residents' attitudes toward general and forest-related impacts of tourism: the case of Belek, Antalya. *Tourism Management*, 26, 691e706.
- Lankford, S. (1994). Attitudes and perceptions toward tourism and rural regional development. *Journal of Travel Research*, 33(4), 35e43.
- Mason, P., & Cheyne, J. (2000). Residents' attitudes to proposed tourism development. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 391–411 .
- McCool, S. F., & Martin, S. R. (1994). Community attachment and attitudes toward the Caribbean Region tourism development. *Journal of Travel Research*, 32(3), 29–34
- Milito, M. C., Marques Jr. & Lemuel, M. A. (2013). Percepção do residente em relação a turismo e megaevento: análise bibliométrica de periódicos internacionais e latino-americanos. *Revista Turismo em Análise*. V. 24, Nº3, pp.482- 502.
- Milman, A., & Pizam, A. (1988). Social impacts of tourism on Central Florida. *Annals of Tourism Research*. 15(2), 191e204.
- Natal (2012). *Anuário estatístico do município de Natal*. Secretaria municipal de meio ambiente e urbanismo SEMURB.
- Nunkoo, R., & Gursoy, D. (2012). Residents' support for tourism an identity perspective. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 243e268.
- Popper, K. (1990) *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: cultrix.
- Pizam, A. (1978). Tourism's impacts: the social costs to the destination community as perceived by its residents. *Journal of Travel Research*, 16(4), 8e12.
- Ribeiro, M. A., Oom do Valle, P., & Silva, J. A. (2013). Residents' attitudes towards tourism development in Cape Verde Islands. *Tourism Geographies*, 15(4), Press. Retrieved from <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>. Hern 654-679.
- Ross, G. (2002) *Psicologia do turismo*. Contexto: São Paulo.
- Sharma, B., Dyer, P., Carter, J., & Gursoy, D. (2008). Exploring residents' perceptions of the social impacts of tourism on the Sunshine Coast, Australia. *International journal of hospitality & tourism administration*, 9(3), 288e311.
- Sinclair-Maragh, G. (2016). Demographic analysis of residents' support for tourism development in Jamaica. *Journal of Destination Marketing & Management*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jdmm.2016.03.005>
- Sharpley, R. (2014). Host perceptions of tourism: a review of the research. *Tourism Management*, V. 42, 37 - 49.
- Sheldon, P. J., & Var, T. (1984). Residents attitudes toward tourism in North Wales. *Tourism Management*, 5(1), 40-47.

Snaith, T., & Haley, A. (1999). Residents' opinions of tourism development in the historic city of York, England. *Tourism Management*, V.20, 595-603.

Teye, V., Sonmez, S. F., & Sirakaya, E. (2002). Residents' attitudes toward tourism development. *Annals of Tourism Research*, 29(3), 668-688.

Tomljenovic, R., & Faulkner, B. (2000). Tourism and older residents in a Sunbelt Resort. *Annals of Tourism Research*, 27(1), 93e114.

Tosun, C. (2002). Host perceptions of impacts: a comparative tourism study. *Annals of Tourism Research*, V.29(1), 231-253.

Williams, J., & Lawson, R. (2001). Community issues and resident opinions of tourism. *Annals of Tourism Research*, 28(2), 269-290.